



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

FELIPE RAMOS DE SOUSA

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE  
EDUCAÇÃO ESPECIAL (CBEE) NO EIXO EDUCAÇÃO FÍSICA E  
ESPORTES ADAPTADOS, DE 2014 A 2018

BELÉM  
2022

FELIPE RAMOS DE SOUSA

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE  
EDUCAÇÃO ESPECIAL (CBEE) NO EIXO EDUCAÇÃO FÍSICA E  
ESPORTES ADAPTADOS, DE 2014 A 2018

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para  
obtenção de grau no curso de Licenciatura em  
Educação Física, Instituto de Ciências da Educação,  
Universidade Federal do Pará.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Pereira Silveira.

BELÉM  
2022

FELIPE RAMOS DE SOUSA

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE  
EDUCAÇÃO ESPECIAL (CBEE) NO EIXO EDUCAÇÃO FÍSICA E  
ESPORTES ADAPTADOS, DE 2014 A 2018

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para  
obtenção de grau no curso de Licenciatura em  
Educação Física, Instituto de Ciências da Educação,  
Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Pereira Silveira.

DATA DA AVALIAÇÃO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

CONCEITO: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ANDRÉA PEREIRA SILVEIRA  
Orientadora – UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. MARIA DA CONCEICAO DOS SANTOS COSTA  
Examinador Interno – UFPA

---

Prof. Dr. WELINGTON DA COSTA PINHEIRO  
Examinador Interno – UFPA

BELÉM  
2022

# PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (CBEE) NO EIXO EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES ADAPTADOS, DE 2014 A 2018

Felipe Ramos de Sousa

## RESUMO

Este estudo foi realizado com o objetivo de analisar a produção científica do Congresso Brasileiro de Educação Especial – CBEE, no período de 2014 a 2018, dentro do Eixo Educação Física e Esportes Adaptados. A metodologia utiliza a abordagem qualitativa por meio da elaboração de um estado da arte. Os resultados apontam que as produções configuram-se nas 5 categorias temáticas seguintes: metodologias de ensino-aprendizagem, práticas da cultura corporal, formação docente, revisões da literatura e práticas sociais, nas quais é possível perceber a importância em fundamentar a Educação Física em moldes inclusivos e também permitem visualizar as dificuldades encontradas no campo pesquisado a partir das categorias encontradas. Nesse ínterim, consideramos que as produções vêm elucidando como a formação de professores de Educação Física em uma perspectiva inclusiva contribui para o aprimoramento do próprio docente enquanto profissional, possibilitando maior acessibilidade das pessoas com e sem deficiência a práticas corporais, e conseqüentemente para o desenvolvimento destes alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física; Inclusão, Congresso Brasileiro de Educação Especial, Esportes Adaptados, Metodologias de Ensino-Aprendizagem, Práticas da Cultura Corporal, Formação Docente, Revisões da Literatura, Práticas Sociais.

## SCIENTIFIC PRODUCTIONS OF THE BRAZILIAN CONGRESS OF SPECIAL EDUCATION (CBEE) IN THE AXIS PHYSICAL EDUCATION AND ADAPTED SPORTS, IN THE PERIOD FROM 2014 TO 2018

### ABSTRACT

This study was conducted with the aim of analyzing the scientific production of the Brazilian Congress of Special Education – CBEE, in the period from 2014 to 2018, within the Axis Physical Education and Adapted Sports. The methodology uses the qualitative approach, through the elaboration of a state of the art. The results indicate that the productions are configured in the following 5 thematic categories: teaching-learning methodologies, body culture practices, teacher training, literature reviews and social practices, in which it is possible to perceive the importance of basing Physical Education in inclusive ways and also allows to visualize the difficulties encountered in the field researched from the categories found. In the meantime, we consider that the productions have been elucidating how the training of Physical Education teachers in an inclusive perspective contributes to the improvement of the teacher himself as a professional, enabling greater accessibility of people with and without disabilities to body practices, and consequently to the development of these students.

**KEYWORDS:** Physical Education; Inclusion, Brazilian Congress of Special Education, Adapted Sports, Teaching-Learning Methodologies, Body Culture Practices, Teacher Training, Literature Reviews, Social Practices.

## 1 INTRODUÇÃO

Durante a graduação algumas disciplinas permitem o contato com foco em questões inclusivas, o que fez perceptível a grande importância de ter uma Educação Física – EF centrada nessa prática, mesmo para um público que não possui deficiências. Trabalhar com inclusão pode tornar as atividades, escolares ou não, mais humanizadas e acolhedoras, capazes de atender tanto ao público de pessoas com deficiência - PcD, quanto aqueles que por falta de habilidade, vivências, por não possuírem elevado nível de aptidão ou por não terem afinidade com determinada atividade, poderiam ser excluídos dessa prática.

Assim, no caminho contrário ao processo de exclusão, o curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Pará – UFPA permite a formação acadêmica constituída a partir de disciplinas (educação física com cuidados especiais; LIBRAS; fundamentos da educação física inclusiva; educação física adaptada; políticas públicas em educação física, esporte e lazer; e o estágio supervisionado IV – que lida mais especificamente com espaços voltados a educação especial) capazes de formar um profissional que compreende a importância do ensino para todos, almejando através da educação uma sociedade que se entenda e possa olhar o próximo a partir de si, respeitando e percebendo suas diferenças e dificuldades, assim como suas capacidades.

Para isso, a Educação Física utiliza-se de meios que permitem desenvolver habilidades corporais através do treinamento, melhorar competências socioafetivas ao envolver os alunos em atividades que priorizem o trabalho em equipe, o respeito e o comprometimento com o próximo, ajudando, inclusive, em aspectos psicológicos, controlando hormônios que afetam o bem-estar através do exercício, permitindo também o convívio social e a inserção, interação em grupo.

Falar de Educação Física é entender que seu conceito compreende ampla gama de significados, assim como a postura assumida pode variar dependendo do foco, como foi observado durante os anos, até o que se entende por Educação Física nos dias hoje, passando de um processo predominantemente biológico e funcional-capitalista (CHICON, 2008), para uma atividade que pode assumir caráter biopsicossocial.

Segundo o Coletivo de Autores (1992, p.33) algumas formas de entendimento requerem aprofundamento por não compreender de fato em sua totalidade, o que vem a ser a Educação Física, ao dizer: que “é educação por meio das atividades corporais”; a “educação pelo” ou “do movimento”; que se trata do “esporte de rendimento”, ou a “educação sobre o movimento”.

Chicon (2008, p. 26) pondera que a “Educação Física pode ser vista de diferentes maneiras” e a partir de Sousa (2002, p. 37) define que a EF “[...] por um lado, pode tratar de ideais biologicistas, que se preocupam com a estética ou com o desempenho físico e técnico dos indivíduos e, por outro, pode trabalhar enfatizando os aspectos sociais e históricos dos indivíduos” (p. 26), considerando

[...] que uma proposta de Educação Física tem que respeitar a diversidade humana em qualquer de suas expressões: gênero, biotipo, cor, raça, deficiência, etnia, sexualidade, aceitando e elegendo as diferenças individuais como um fator de enriquecimento cultural. Desta forma, será proporcionada [...] a oportunidade de aprender, interagir com o seu meio social e cultural e uma convivência rica e positiva [...]. Assim, entendemos que incluir a Educação Física não é apenas adaptá-la [...], mas também adotar uma perspectiva educacional cujos objetivos, conteúdos e métodos valorizam a diversidade humana, estando comprometidos com a construção de uma sociedade inclusiva. (LANDIM, 2003, apud CHICON, 2008, p. 22)

Nesse trabalho, não se considera nem uma das assertivas acima como errônea, mas complementares, em que todas possuem espaço em um conceito amplificado. Contribuindo com a discussão, Beyer assevera sobre a educação inclusiva:

Caracteriza-se como um novo princípio educacional, cujo conceito fundamental defende a heterogeneidade na classe escolar, como situação provocadora de interações entre crianças com situações pessoais mais diversas. Além desta interação, muito importante para o fomento das aprendizagens recíprocas, propõe-se e busca-se uma pedagogia que se dilate frente as diferenças do alunado. (BEYER, 2006, p. 73).

Portanto, oferecer uma Educação Física inclusiva é proporcionar aos sujeitos meios para que eles se desenvolvam em sua especificidade, dando subsídios que através da prática direcionada a determinado objetivo, possa, também, suprir seus anseios, na perspectiva de que cada aluno possui uma história diferente, que interage e responde de acordo com o meio sociocultural em que está inserido.

Sá *et al* (2017, p. 361) entendem que a

Educação Física tem um papel fundamental nos processos de inclusão escolar, por ser um campo de conhecimento capaz de promover mudanças significativas nos processos de desenvolvimento integral (motor, cognitivo, humano/social) de seus alunos, promovendo, assim, novos/outros sentidos na vida desses cidadãos (CRUZ, 2008).

Por isso a importância em se ter uma EF inclusiva, uma vez que, ela se apoiará em padrões que permitam a todos serem participantes ativos, oferecendo conteúdos de forma acessível e provocando através da interação o contato com diferentes realidades, sejam elas específicas do conteúdo abordado ou na interação com os sujeitos.

Para se atender aos processos inclusivos e assegurar que a educação de fato seja para todos, alguns caminhos foram traçados através de leis e diretrizes que direcionam a educação, estabelecendo direitos aos cidadãos e deveres por parte das instituições de ensino, devendo essas se ajustarem aos padrões, compreendendo o acesso, disponibilizações de vagas, materiais e metodologias capazes de atender a todos os públicos.

A Constituição Federal de 1988, assim como a Lei de Diretrizes Brasileiras da Educação Nacional nº 9.394/96, instituem como um direito de todos o acesso à educação de qualidade, devendo ser capaz de formar o indivíduo para o trabalho e o exercício de sua cidadania em igualdade de condições, independente de dificuldades ou deficiências. Assegura-se também o atendimento educacional especializado preferencialmente no ensino regular, como um dever do Estado, considerando que a educação deve ser pautada em princípios de inclusão, reconhecendo a diversidade e a individualidade como importante aspecto formador no processo de construção do indivíduo. E apenas não sendo possível ou ainda, necessário para o desenvolvimento, também, garante o acesso às pessoas com deficiência em instituições especializadas de ensino (BRASIL, 1988; 1996).

Outro ponto importante para a educação inclusiva, foi instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) de nº 13.146 de 6 de julho de 2015, que também se destina a assegurar e promover direitos e liberdade na busca da cidadania e inclusão social em vários aspectos na vida da pessoa com deficiência, garantindo o acesso à educação de qualidade, entre outros, como ao esporte e lazer, a acessibilidade em locais e ao transporte para que possam ir e vir, a serviços de assistência, ao direito a saúde, e muitos outros na busca de facilitar ou possibilitar sua maior independência (BRASIL, 2015).

Nesta mesma Lei, pode-se encontrar uma definição para pessoa com deficiência, a saber:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

Como pode-se perceber, concordando Oliveira (2009), muitos foram os avanços nas últimas décadas no caminho para uma educação mais inclusiva, no que tange aos direitos de pessoas com deficiência, através de políticas que priorizem a educação, objetivando:

[...] oportunizar a educação democrática para todos, considerando ser o acesso ao ensino público de qualidade e o exercício da cidadania um direito de todos; viabilizar a prática escolar da convivência com a diversidade e diferenças culturais e individuais [...] (OLIVEIRA, 2009, p. 32)

Em termos de definições, Alves *et al* (2014, p. 65) conceituam a inclusão como um “processo social que, no contexto escolar, pretende a mudança de atitudes e a construção de uma postura com condições de abranger a todos indistintamente.”

Ferreira e Cataldi (2014), relatam a inclusão como um elemento que deve ir contra as barreiras que impendem as pessoas com deficiência de desenvolver seu papel ativamente na sociedade. É importante ressaltar, que a inclusão não é apenas para quem possui algum tipo de deficiência, mas para todos, não tratando como iguais e sim, considerando que cada um é diferente, dando oportunidade para que se desenvolvam dentro de suas dificuldades e aprimorando suas potencialidades, tornando a prática, seja ela qual for, mais humanizada.

Para que isso seja possível, deve-se ter clareza que inclusão não se trata apenas de colocar todos em um mesmo ambiente, mas dar instrumentos/meios diversos, utilizando-se de estratégias e recursos na tentativa de abranger as características de cada um. Nesse sentido, incluir não significa meramente adaptar, mas pensar todo o contexto a partir da construção da aula, com o intuito de atender a todos os públicos, com e sem deficiências ou dificuldades, possibilitando desde o acesso físico ao desempenho de suas atividades, envolvendo características sociais e de conscientização.

Diante do exposto, a importância do trabalho se justifica na medida que permite visualizar como se apresentam as produções acadêmicas durante as últimas 3 edições do CBEE sobre os temas que permeiam a Educação Física e inclusão/esportes adaptados, revelando quais temas têm sido abordados nesse eixo, a fim de mostrar um pouco das suas experiências e se estão, ou não, acontecendo de maneira proveitosa.

Funcionando como mapeamento, o estudo demonstra em que aspectos estão sendo elaborados os trabalhos acadêmicos em Educação Física e esportes adaptados, assim como, traz à tona os impactos que geram as ações desses trabalhos e a sua relevância para o ensino de uma Educação Física inclusiva.

Também pode auxiliar a futuras pesquisas na área que necessitem de referenciais ou que possam conversar entre si a partir dos resultados, reunindo e organizando um conjunto de

trabalhos por categorias que posteriormente serão apresentadas, facilitando o acesso e a informação sobre o tema.

Isto posto, apresentamos o seguinte **problema de pesquisa**: como se configura a produção científica do Congresso Brasileiro de Educação Especial – CBEE, no período de 2014 a 2018, dentro do Eixo Educação Física e Esportes Adaptados?

Salienta-se a existência de outros eventos que poderiam oferecer contribuições importantes, como o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE, que possui um eixo exclusivo de inclusão, todavia, não se tornaram fonte de dados deste estudo por motivações variadas, a primeira é que inicialmente o estudo seria realizado no campo da educação especial, no ensino superior, com foco na deficiência auditiva, por este motivo a proximidade com o CBEE que trata mais precisamente de aspectos da educação especial, trazendo maior viabilidade ao migrar o que já estava sendo desenvolvido para o texto atual; segundo, é que o CONBRACE apesar de possuir um eixo específico em inclusão, ainda deixaria de fora contribuições pertinentes ao tema aqui estudado por estarem contidas em outros eixos, logo, os esforços colidiriam com o tempo para finalizar o estudo no prazo estipulado.

## **2 METODOLOGIA**

Essa investigação configura-se como um estudo de abordagem qualitativa, a qual teve foco exclusivamente nos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Educação Especial – CBEE, que para além de sua relevância, sendo um dos eventos mais importantes para educação inclusiva a nível nacional, é capaz de concentrar em apenas um eixo, a Educação Física voltada a educação especial ou inclusiva, podendo ser encontrada em seu acervo de anais das edições passadas.

Devido às dificuldades em encontrar materiais mais antigos na plataforma que opera para reunir os trabalhos por edições do evento e pelo processo dinâmico que o meio acadêmico possui, não assumindo caráter imutável e na tentativa de minimizar o risco em assumir análises obsoletas, o período aqui demarcado foi o das edições de 2014, 2016 e 2018, pois o CBEE ocorre a cada dois anos, compreendendo trabalhos realizados até os 5 anos anteriores a partir da coleta iniciada em 2019.

Este recorte, também se justifica pela dificuldade em encontrar arquivos de anos anteriores na internet, não havendo a possibilidade de acessá-los no *site* destinado a receber e organizar os anais do evento, o que tornou possível, apenas, compreender essas três edições no

momento da coleta. É possível verificar que para além desses anos acima mencionados até o momento da conclusão deste estudo, houve apenas mais uma edição do evento ocorrida em novembro de 2021, edição esta que não fez parte dos dados aqui analisados uma vez que a coleta já havia sido anteriormente realizada e a análise estava em andamento, sendo o período do evento muito próximo ao tempo da conclusão deste trabalho, fatores que trouxeram inviabilidade para sua utilização no estudo.

O único eixo temático escolhido foi o de “Educação Física e Esportes adaptados”, que melhor pôde relacionar de forma precisa a temática de Inclusão Escolar com a área de Educação Física, pois o *site* não articula com mecanismo de busca por palavras-chave dentro dos artigos, para que possa verificar se existem trabalhos relacionados em outros eixos, permitindo apenas a verificação sequenciada por eixo temático através do título ou nome do autor, tornando inviável a averiguação de cada artigo em diferentes eixos devido a grande quantidade de trabalhos e temas que poderiam ser relacionados.

Desta forma, este estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa do modelo de pesquisa que se intitula Estado da Arte, tratando da análise dos trabalhos que foram apresentados, servindo como dados da pesquisa, abrangendo assim, tudo o que tem sido produzido acerca do tema em questão. Ferreira define a pesquisa do estado da arte:

[...] Como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. [...] Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p 258)

Ribeiro e castro (2016), a partir de autores como Romanowski e Ens (2006), Vosgerau e Romanowski (2014), conceituam o estado da arte como uma sistematização necessária para se entender como uma área do conhecimento em questão vem sendo produzida, levando em consideração a multiplicidade de elementos que elas possam apresentar, não cabendo a ela o simples levantamento de dados, mas ao exame em categorias de suas perspectivas do conhecimento acumulado, revelando aspectos significativos, carências ou necessidades e tendências.

A coleta de dados do estudo possui caráter bibliográfico dentro do eixo de Educação Física e Esportes adaptados. Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica é aquela que se utiliza da análise de materiais preexistentes, bibliografias publicadas em livros, artigos, mídias virtuais e etc, possibilitando o conhecimento sobre determinado assunto, anteriormente pesquisado.

Fonseca (2002) apud Silveira e Córdova (2009, p. 37), também apontam na pesquisa bibliográfica uma importante característica pertencente ao estado da arte:

[...] Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

No eixo de Educação Física e esportes adaptados foram encontrados um total de 66 artigos. São: 21 no ano de 2014, correspondendo a sexta edição do CBEE; 24 trabalhos no ano de 2016, na sétima edição do evento; e 21 no ano 2018, correspondentes a oitava edição do congresso em questão. A coleta dos dados foi realizada no mês de setembro de 2019, entre os dias 23 e 26, no *site* Galoá, encontrado em: <https://proceedings.science/cbee>. (GALOÁ, 2019)

**Quadro 1** – Eixo de Educação Física e esportes adaptados durante o período de 2014 a 2018

ANO	EDIÇÃO	Nº ARTIGOS
2014	6ª	21
2016	7ª	24
2018	8ª	21

**Fonte:** elaboração do autor.

Os dados coletados foram analisados por meio de análise de conteúdo, mais especificamente pelo uso de categorias temáticas (BARDIN, 2011). Essas categorias foram desenvolvidas a partir da análise de dados, portanto são categorias que emergiram durante o processo de análise.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para análise dos dados, a priori, examinou-se o resumo dos artigos a fim de encontrar categorias que se assemelhassem e pudessem ser agrupadas com temáticas que conversassem entre si. De início foram criadas 6 categorias de análise, entretanto, em virtude de alguns

trabalhos apresentarem proximidade de assuntos, foram reduzidas a 5 categorias, apresentadas no quadro a seguir.

**Quadro 2** – Categorias de análise

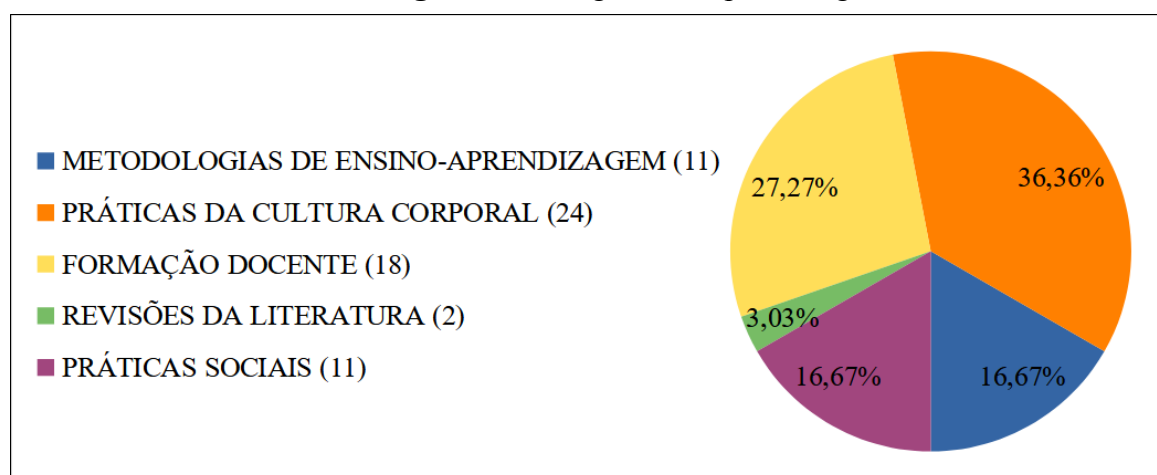
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
1	METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM
2	PRÁTICAS DA CULTURA CORPORAL
3	FORMAÇÃO DOCENTE
4	REVISÕES DA LITERATURA
5	PRÁTICAS SOCIAIS

**Fonte:** elaboração do autor.

A partir de então, uma segunda leitura foi desenvolvida, pois mostrou-se insuficiente que as reflexões fossem realizadas somente a partir dos resumos, logo, esse segundo movimento teve que ser executado e passaram também a fazer parte das análises as conclusões dos trabalhos e, em alguns casos, quando as fontes ainda demonstravam insuficiência de argumentações, a busca de informações foi direcionada para as discussões dos dados.

A seguir é possível observar como as categorias estão distribuídas dentro dos 66 trabalhos analisados:

**Figura 1** – Categorias em porcentagens



**Fonte:** elaboração do autor.

Dessa forma, visualizamos na figura 1 todas as cinco categorias seguidas da quantidade de artigos encontrados e a porcentagem correspondente a cada uma.

### 3.1 METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Esta categoria é constituída por 11 dos 66 artigos, correspondendo a 16,67% do total e é caracterizado por trabalhos que tratam dos processos e esquematizações que acontecem antes, durante e depois do trato pedagógico, em outras palavras, o caminho metodológico. Manfredi (1993) conceitua metodologia de ensino como “o estudo das diferentes trajetórias traçadas/planejadas e vivenciadas pelos educadores para orientar/direcionar o processo de ensino-aprendizagem em função de certos objetivos ou fins educativos/formativos” (p. 1), ou seja, é composta por elementos que constituem e ajudam a traçar as etapas para elaboração de um plano de aula.

A partir das análises, percebeu-se o cuidado em como conduzir a aula abraçando a ótica de inclusão. Apesar de terem foco na educação especial, algumas pesquisas se passaram no ensino regular (ALMEIDA, SOLTO, 2014; SAITO, FERREIRA-DONATI, GARCIA, 2016; OLIVEIRA, MUNSTER, 2018; FIORINI, MANZINI, 2018).

Este processo de inclusão é fundamental para o desenvolvimento biopsicossocial, mas não garante a participação efetiva nas aulas por parte das Pessoas com deficiência – PCD’s, bem como demonstrou ser um desafio aos professores de Educação Física, o que acabou por fundamentar trabalhos com foco em modelos de ensino (SAITO, FERREIRA-DONATI, GARCIA, 2016), estratégias de sucesso (FIORINI, MANZINI, 2018) e consultorias colaborativas (OLIVEIRA, COSTA, 2014; SAITO, FERREIRA-DONATI, GARCIA, 2016), trazendo apoio ao professor no momento da aula, pois com a análise foi constatado que esses alunos apesar de serem integrados para que se objetive a inclusão, em casos, eram muito mais excluídos do que incluídos nas aulas e mesmo quando havia a tentativa de modificar os processos durante a aula para que pudessem participar plenamente, logo cessava frente as dificuldades encontradas, demonstrando ser um esforço paliativo e não pensado desde o momento da elaboração da aula, como deveria ser, estruturada de forma que pudesse ser realizada por todos, incluindo estratégias que tornem isso possível.

Os modelos/estratégias/consultorias mostraram-se um importante meio, podendo ajudar e facilitar o ensino, permitindo demonstrar métodos já testados, servindo de base para futuras ações ou ponto de partida para um tema que ainda carece de publicações, não apenas visando tornar o trabalho do professor mais fácil, até porque atuar com a educação, seja ela especial ou não, é sempre um desafio, visto que todos somos únicos com nossas próprias limitações e possibilidades. E atuar de forma que se possa atender a todos em suas diferenças é uma tarefa

árdua. Trabalhar sobre uma ótica inclusiva é exatamente isso, desenvolver estratégias para que as aulas possam ser praticadas por todos, independentemente de suas condições, possibilitando o desenvolvimento e crescimento pessoal de cada um que participe.

Também foram destacadas a importância de mudanças atitudinais para que as metodologias possam dar certo, ou seja, que o esforço tem que vir de um coletivo: dos professores, devendo estar comprometidos com a temática inclusiva para que todo seu esforço não seja apenas o passo inicial, como se observou em Oliveira e Munster (2018), ao mencionar que determinado professor mostrava-se aberto as ideias inclusivas, mas que sua prática era esvaziada e logo os esforços cessaram, sendo assim, todo o corpo docente também deve estar comprometido (demais professores, estagiários, profissional de apoio. Etc); a instituição deve estar enjangada com políticas que facilitem e permitam a inclusão como um todo, fornecendo meios e materiais para sua efetivação; a família também deve entender que os cuidados podem acabar se confundindo com superproteção, o que pode gerar prejuízos ao processo de ensino e aprendizado, não permitindo que o aluno participe plenamente em atividades que deveria para seu desenvolvimento.

Outro ponto analisado foi referente aos professores que se viam com dificuldades em incluir o aluno, principalmente aos que tinham formação mais antiga (OLIVEIRA, MUNSTER, 2018), pois não tinham embasamento acerca dos processos inclusivos durante sua formação. Então, os modelos ou consultorias vem objetivando sanar as lacunas encontradas na formação de professores já atuantes, fornecendo apoio na consolidação de suas aulas através da instrumentalização; e os demais trabalhos relataram aspectos metodológicos de ensino baseado em PCD's durante sua experiência acadêmica e em projetos (ALMEIDA, SOLTO, 2014; BRAGA *et al*, 2014; GONÇALVES, NASCIMENTO, LUNA, 2018).

Conforme observou-se nas produções ainda existe a dificuldade em encontrar materiais de apoio ao tratar da Educação Física adaptada (ALMEIDA, SOLTO, 2014) e que em casos ela só é realizada nas escolas para o cumprimento da lei (OLIVEIRA, COSTA, 2014). O que pode ser um dos motivos que levam aos momentos de exclusão encontrados nos trabalhos, onde a iniciativa para a ação é a apenas para satisfação legal em termos mínimos e não para a inclusão propriamente dita dentro da pauta pedagógica.

Em sua maioria, os trabalhos versam sobre o desenvolvimento de modelos metodológicos, consultorias ou estratégias de ensino como um importante instrumento na objetivação das aulas como se pode perceber a partir das falas dos trabalhos analisados:

O conjunto de procedimentos de ensino empregado nos ensaios de uma dança, nas aulas de Educação Física, mostrou ser uma possibilidade não apenas viável, mas bastante eficaz para promover ampla participação de um aluno com TEA em uma construção coreográfica.

O aluno fez parte integrante do processo de ensino que antecedeu o dia da apresentação, demonstrando ser capaz de se envolver ativamente em atividades desta natureza e atingir alto nível de participação. (SAITO, FERREIRA-DONATI, GARCIA, 2016, p. 14-15)

Conclui-se que as estratégias utilizadas pelo PEF contemplaram ações bem-sucedidas, pois, por meio delas, foram criadas condições favoráveis à participação de alunos com DV e alunos sem deficiência nas mesmas atividades. (FIORINI, MANZINI, 2018, p. 15)

Entretanto, a sua efetividade requer comprometimento das partes atuantes para que tenham sucesso conforme relatam Oliveira e Munster (2018):

Contudo, considera-se que, ainda que o programa tenha surtido efeito no sentido de promover ao professor informações e conhecimento sobre o aluno e sobre adaptações metodológicas em EFA, o programa não foi efetivo em motivar o aluno para o engajamento contínuo nas aulas de Educação Física. (p. 17)

[...] seria imprescindível uma mudança de atitude por parte do professor Pedro, um maior comprometimento do mesmo em planejar aulas com conteúdos acessíveis e diversificados para todos os alunos e abordar os conteúdos da EFE pedagogicamente, ou seja, não somente realizar a prática pela prática (p. 18)

Concordando com trabalho de Costa, Fiorini e Manzini (2016, p. 11).

[...]o sucesso na efetivação do trabalho perpassa por condições mínimas e necessárias que sugerem modificações no modo como a escola tradicionalmente é organizada e exige, principalmente, posturas, e perfis profissionais favoráveis ao trabalho colaborativo.

Como se pode perceber a busca em desenvolver meios para direcionar o trabalho pedagógico diante do trato com alunos que possuem alguma deficiência é de suma importância, visto que em grande parte dos casos, as formações docentes são insuficientes para instrumentalizar sobre todas as especificidades que a realidade pode apresentar, todavia, deve-se entender que são apenas estratégias, meios auxiliares e caminhos norteadores, cabendo ao professor aprofundar seu conhecimento e adequá-lo de acordo com a realidade do aluno.

### 3.2 PRÁTICAS DA CULTURA CORPORAL

Conforme o Coletivo de Autores (1992, p. 26) a cultura corporal:

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

Concordando com este conceito, a categoria dois foi assim denominada por agrupar com predominância elementos que fazem parte da Cultura corporal, reunindo diversos componentes, mas com um foco central, a modalidade apresentada, suas contribuições e informações diversas. Todos os trabalhos aqui dispostos focam no conhecimento, influências e principalmente, no desenvolvimento psicomotor e para isso foram desenvolvidos a partir de temáticas que deram origem a uma subcategoria dentro da categoria analisada, permitindo melhor visualização das modalidades que se tornaram temas dos trabalhos nessas três edições do evento.

As subcategorias encontradas seguidas do número de vezes que constituíram uma pesquisa são: Atividades em meio aquático (3), Lutas (2), Dança (2), Badminton (1), Videogames (2), Bocha (4), Jogos e brincadeiras (1), Handebol (1), Equoterapia (1), Goalball (1), Futebol (1), Basquete (1), Vôlei (1) e de forma mais geral, o desenvolvimento de Habilidades Motoras a partir da Educação Física (EF) adaptada ou na iniciação esportiva (7) para os trabalhos que trazem o desenvolvimento de atividades gerais, sem focar em uma modalidade específica como as que estão anteriormente citadas.

Vale ressaltar que um artigo pode conter mais de uma subcategoria constituindo sua pesquisa e que existem outras categorias para além dessas, contudo, fazem parte de outros eixos que não apresentam o mesmo foco dos que são aqui mencionados. Também é importante esclarecer que as subcategorias podem agrupar diferentes seguimentos de um mesmo esporte, a exemplos: o futebol, no qual foram encontrados trabalhos que utilizaram o futebol de 5, para cegos, e o de 7, que abrange outras deficiências; as atividades em meio aquático e a natação; assim também nas lutas, no basquete e outros, organizados e um único eixo geral para compreendê-los, sendo todas as subcategorias voltadas ao esporte para pessoas com deficiência, por mais que não se encontrem assim identificadas. Seguindo essa linha de pensamento é possível destacar que grande parte dos trabalhos analisados são voltados ao conteúdo dos jogos paralímpicos.

Nesta categoria estão presentes a maior quantidade de trabalhos, compreendendo 24 artigos, representando 36,36% do total, permitindo observar com clareza qual tem sido o maior

foco de estudos nos últimos anos (2014, 2016 e 2018) do congresso, junto a qual foi o tema mais pesquisado dentro da cultura corporal envolvendo a educação especial.

Para diferenciá-lo das demais categorias esclarece-se que trata da atividade em si, do elemento psicomotor com o foco na execução prática e a sua contribuição, não elaborando, por exemplo, de forma aprofundada, metodologias de ensino, mas analisando como a atividade contribui para a manutenção e aprimoramento de habilidades e competências do aluno; ou do esporte em si e como ele conversa com o tema sobre inclusão. É possível observar as subcategorias no quadro a seguir:

**Quadro 3 – Práticas da Cultura Corporal – SUBCATEGORIAS**

PRÁTICAS DA CULTURA CORPORAL – SUBCATEGORIAS	
1	MEIO AQUÁTICO
2	LUTAS
3	DANÇA
4	BADMINTON
5	VIDEO GAMES
6	BOCHA
7	JOGOS E BRINCADEIRAS
8	HANDEBOL
9	EQUOTERAPIA
10	GOALBALL
11	FUTEBOL
12	BASQUETE
13	VÔLEI
14	HABILIDADES MOTORAS

**Fonte:** elaboração do autor.

### 3.2.1 Atividades em Meio Aquático

Os trabalhos são unânimes ao dizer a importância das atividades aquáticas para o desenvolvimento dos alunos em vários níveis. A exemplo do estudo de Luna *et al* (2016, p.11)

Os alunos autistas apresentam uma modificação em seus comportamentos social e afetivo, comunicacional e motor após a prática de atividades aquáticas, tendo discretos ganhos nas áreas citadas, contudo, diante da literatura verificamos que, mesmo mínimos são importantes e significativos para futuras interações e aquisição de repertório motor mais amplo para as diversas atividades que possam lhes ser propostas no futuro.

Porém, o tempo é decisivo para a progressão do aluno o que pode acabar por minimizar os ganhos, acordando com Rodrigues e Lima (2014, p. 13) ao falar da “necessidade de se ampliar o período de intervenção do programa de atividades motoras em meio aquático, pois o tempo de participação nas atividades foi insuficiente para promover mudanças nas habilidades motoras dos indivíduos”, visto que os alunos em questão demonstram maior lentidão no desenvolvimento de habilidades, necessitando de mais tempo. Outro achado foi a carência tanto de estudos, quanto de profissionais para atender as demandas encontradas.

### 3.2.2 Lutas

Na subcategoria em questão ambos os trabalhos tratam sobre a Capoeira, demonstrando-se importante e eficaz, sendo possível a promoção de meios para aquisições motoras e sociais. Segundo os dados, os praticantes da capoeira adaptada no Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) se veem satisfeitos com as atividades e os ganhos providos. Para Cuquetto (2016, p. 1)

[...] a capoeira adaptada funciona como importante agente educacional na formação de pessoas com deficiência, pois se mostrou como possibilidade de emancipação do indivíduo, considerando a interação da musicalidade, do movimento corporal e da reflexão sobre as relações humanas.

Relato que dialoga com o trabalho de Martins *et al* (2014, p. 11) que no percurso de pouco mais de um ano participando em aulas de capoeira observou:

[...] de forma assistemática, melhora na mobilidade, no desempenho motor de alguns dos alunos com deficiência, bem como na interação social dos mesmos visto que antes de iniciarem a participação neste Projeto de Extensão, a maioria apresentava dificuldade e medo de falar em público.

E mais, segundo relatos havia alunos que não se viam praticando a capoeira pensando ser sua dificuldade fator limitante, paradigma esse que foi quebrado diante do trabalho realizado, trazendo consciência que podiam sim, desenvolver aptidões físicas e psicológicas, melhoras na qualidade de vida e na saúde através da luta (MARTINS *et al*, 2014).

Contudo, ainda é verificado a falta de incentivos para a promoção de atividades que atendam a esse público com deficiência ou mobilidade reduzida, carecendo de espaços e oportunidades, indo para além das atividades de lazer ou desenvolvimento motor, abrangendo toda a vida pessoal e profissional.

### 3.2.3 Dança

A dança trouxe expressivas contribuições ao campo estudado, contribuindo em melhoras motoras e sociais, abarcando áreas do aspecto cognitivo e emocional. Rossi e Munster (2018) constataram ao realizar uma investigação com uma adolescente que apresentava paralisia cerebral

[...] melhorias em todas as habilidades, todavia, as seguintes foram as que obtiveram mais expressividade: lateralidade, ritmo de movimentos, exploração de direções, exploração dos níveis de espaço, realização e compreensão dos fatores de movimento “fluência”, “espaço”, “peso” e “tempo”, a realização dos fatores em conjunto e a improvisação/criação. Apenas duas questões demonstraram o mesmo valor antes e depois do programa para todos os participantes: contato corporal e contato visual. (p. 15)

[...] resultados positivos acerca dos aspectos motores, sociais e emocionais, pois aprimoraram as habilidades destacadas pelo IAADE e intensificaram as relações sociais (atitudes de amizade, companheirismo e respeito). (p. 15)

Conforme segue a análise do artigo também é percebido que grande parte das produções sobre o tema fazem referência a PCD já em sua vida adulta, sendo pequena a expressividade de estudos a partir de crianças e jovens, por mais que haja indícios da importância da dança nas fases iniciais da vida para um amplo desenvolvimento em diversas áreas constituintes do ser (ROSSI E MUNSTER, 2018). Borella *et al* (2014) também entende assim: “a dança pode contribuir com o aluno priorizando os seus movimentos naturais e a expressão criativa como base na comunicação da expressão corporal (p. 10).” e que

[...] dançar é uma das maneiras divertidas e adequadas para ensinar, na prática, o potencial de expressão do corpo humano. Trabalhá-la com pessoas com deficiência equivale a um recurso que contribui no desenvolvimento da linguagem, da socialização do grupo, além de torná-la independente, com a autoestima elevada. (p. 10)

Como pode-se observar, a dança é um conteúdo importante no desenvolvimento psicomotor do público-alvo em questão, proporcionando meios para o desenvolvimento pessoal junto a uma prática que tem caráter recreativo.

### 3.2.4 Badminton

O artigo traz um panorama sobre como o Parabadminton vem se apresentando do macro, ao micro, retratando aspectos a níveis mundiais como países que são filiados a federação do esporte, campeonatos, suas categorias, características do jogo, estados onde é praticado, a caracterização dos atletas que praticam a nível nacional, retratam como parte das atividades/aulas são organizadas para o ensino da modalidade, os trabalhos em anais de eventos

que envolvem o tema, um pouco sobre como os campeonatos se apresentam e como a modalidade veio ganhando espaço, entre outros.

Strapasson *et al* (2014) ressalta a importância dos professores de educação física para o desenvolvimento da atividade nas cidades estudadas visto que graças a eles foi possível a implementação de projetos que oferecem a modalidade ao público que possui alguma necessidade especial.

### 3.2.5 Videogames

Nesta subcategoria, encontra-se uma importante forma para o ensino de modalidades esportivas, o virtual, capaz de superar barreiras de espaços, equipamentos e até motoras, permitindo e oportunizando a vivência de esportes a alunos que talvez nunca pudessem ter oportunidade de praticá-lo visto a distância do conteúdo com a sua realidade física e social.

Pôde-se observar duas modalidades diferentes. O jogo praticando através do controle, teclado ou mouse, facilitando sua execução principalmente a pessoas que têm dificuldades com mobilidade, através do meio foi possível entender como a atividade funciona, com destaque para o aumento da atenção nas aulas diante do ambiente virtual. Concluem os autores: “esta experiência para a maioria dos alunos foi boa, pois teve uma melhora durante o jogo na prática, e proporcionou a eles uma melhor visão de jogo, compreensão de conceitos do jogo” (SILVA, KAWASHITA, 2018, p. 9).

A outra modalidade observada foi o jogo virtual através dos sensores de movimento, aumentando a exigência na execução das atividades e a percepção diante delas, visto a maior aproximação com a realidade. Para Wantanabe, Zengo e Chagas (2014, p. 9), os videogames “proporcionam por meio do lúdico e da realidade virtual, uma aprendizagem significativa a partir de novos desafios.” e consideram que:

[...]oportunizam a transposição de impedimentos físicos, tempo, distância, ou mesmo a ausência de recursos para se praticar determinados esportes. Essa associação indica que os EXG possam se tornar relevantes recursos de Tecnologia Assistiva no ensino regular. (p. 12-13)

Confirmando o quanto o ambiente virtual pode ser explorado positivamente para o ensino e desenvolvimento psicomotor dos alunos praticantes, sendo uma alternativa possível para superar dificuldades logísticas e estruturais.

### 3.2.6 Bocha

A bocha também tem sido um tema presente nos estudos encontrados, usado até para trabalhar interdisciplinarmente conteúdos de outras matérias como a matemática:

Este trabalho nos mostrou que as pessoas com deficiência apreendem vários conceitos matemáticos [...]. Neste contexto, acreditamos ser possível realizar processos pedagógicos utilizando a interdisciplinaridade para obter uma maior compreensão dos alunos [...]. (SANTOS, GOMES, KAWASHITA, 2016, p. 5)

É detectado que o conteúdo pode ser ensinado como qualquer outro ao público PCD, não sendo a deficiência fator preponderante para negar o ensino da modalidade, em acordo com Brito, Silva e Cruz (2016, p. 9) que a partir do relato infere “[...]a importância dos professores conhecerem seus alunos, e que a deficiência não impede a aprendizagem das regras e de outros conceitos. Deve-se respeitar o tempo dos alunos, fazendo com o que eles adquirem a sua autonomia.” Estando esse conteúdo também inserido na categoria anterior (a bocha no ambiente virtual), possibilidade que torna possível o ensino de seus fundamentos em videogames, trazendo maior gama de adaptações às necessidades do ensino inclusivo.

Demonstrou ser uma Temática que assim como as demais proporciona momentos de desenvolvimento motor e psicossocial, corroborado por Magalhães, Dias e Kawashita (2018, p. 16) ao assimilar que durante “três anos de intervenção nas aulas de bocha paralímpica foram suficientes para obterem uma melhora na qualidade de vida familiar e social.” fala que traz ênfase a importância que possui a prática para as aulas de EF.

### 3.2.7 Jogos e brincadeiras

Sobre jogos e brincadeiras há pontos interessantes a destacar: as atividades mostram valor ao provocar o desenvolvimento físico, motor e cognitivo, processo que é evidenciado com a fala dos autores Polo, Silva e Lima (2016, p. 8) ao dizer que um grupo de alunos

[...] apresentava comprometimento de funções motoras em brincadeiras caracterizadas como brincadeiras de roda, que estimulam noção espacial e tempo de reação, brincadeiras como “corre cotia”, “mãe gansa” e “coelhinho sai da toca”. Essas dificuldades foram diminuindo no decorrer no projeto e eles passaram a realizá-las com mais autonomia e independência.

Demonstraram ter impactos positivos na autonomia e independência, com melhorias posturais e na diminuição da necessidade de apoio para executar tarefas, colaborando tanto para a melhoria da qualidade de vida quanto a interações sociais.

É válido destacar que também foram encontradas dificuldades no processo, tanto por parte dos alunos ao executar tarefas que envolviam raciocínio lógico e/ou motor, quanto por parte dos professores ao se depararem com a deficit de atenção dos alunos, além do desafio que é ser aceito nos contatos iniciais de deficientes intelectuais, somado a falta de informações sobre a deficiência.

Portanto concluem é “possível constatar que as práticas corporais por meio de jogos e brincadeiras podem contribuir no processo de interação social e melhoria da qualidade de vida de crianças, adolescentes e adultos jovens com DI” (POLO, SILVA E LIMA, 2016, p. 10). Premissa que manifesta a credibilidade dessas atividades mesmo frente aos contratemplos que possam surgir no campo de atuação.

### 3.2.8 Handebol

A pesquisa voltada ao Handebol em cadeira de rodas trouxe dados sobre a validação de um instrumento avaliativo da modalidade a partir dos conhecimentos sobre os fundamentos: Deslocamento com a cadeira de rodas; Condução e Controle de Bola; Passe e Recepção; Arremesso; Finta e Posicionamento em Quadra. A validação se deu diante da análise da categoria e concluíram que “As considerações e modificações sugeridas pelos juízes foram importantes para garantir a validade de conteúdo do instrumento [...]” (OLIVEIRA, MUSTER, COSTA, 2018, p. 18)

Com os resultados foi possível obter um meio que sirva como suporte para os praticantes da modalidade, garantindo valores de referência e comparativos que auxiliam no desenvolvimento da atividade no contexto estudado.

### 3.2.9 Equoterapia

Refere-se a um relato de experiência que envolve atividades para pessoas com diferentes tipos de deficiências junto à utilização de cavalos para o tratamento. O estudo mostra-se promissor ao demonstrar como o desenvolvimento dos participantes tem sido positivo a partir dos trabalhos realizados.

[...] tem-se percebido mais segurança dos alunos, confiança, agilidade, equilíbrio dentre outras capacidades observadas. Percebe-se que a Equoterapia tem extrema importância na prática dos participantes com algum tipo de deficiência, ocasionando um conjunto de assimilações com o cotidiano, natureza e o inusitado. (LOTTERMANN *et al*, 2018, p. 10-11)

Constata-se na equoterapia mais um importante e diferenciado meio capaz de proporcionar melhorias aos praticantes, trabalho que contribui academicamente com informações acerca de um tema que não é comumente observado, todavia, mostrou-se positivamente significativo visto suas contribuições.

### 3.2.10 Goalball / Futebol / Basquete / Vôlei

Aqui reúne-se quatro subcategorias em uma só visto que são encontradas em apenas um artigo dentro do eixo em questão, no qual relata o trabalho realizado no ensino regular objetivando a difusão da prática de atividades esportivas para pessoas com deficiências: o goalball, o futebol para cegos, o basquete em cadeira de rodas e o vôlei sentado; com a explanação do conhecimento prévio da modalidade, debates sobre inclusão e outros. Pontua o autor:

[...] Nas discussões, os alunos puderam compreender as dificuldades e possibilidades de locomoção existentes na escola e já começavam amadurecer o conceito sobre a deficiência e as possibilidades que os deficientes têm, quando oportunizados os meios necessários para sua realização. (JESUS, ESPIRITO SANTO, DUARTE, 2016, p. 8)

Colocar-se no lugar do outro é uma importante estratégia para fazer entender e a aproximar a uma realidade diferente da vivenciada no dia a dia, por isso utilizar da educação inclusiva é tão importante, pois é capaz de sensibilizar durante o trato educacional a questões que envolvem as dificuldades de todos e ainda permite aqueles que tem alguma deficiência, desenvolver-se dentro de suas possibilidades.

### 3.2.11 Habilidades Motoras

Conforme dito anteriormente, esta subcategoria reúne trabalhos que focam o desenvolvimento psicomotor sem relacionar, no seu texto, diretamente as atividades a uma modalidade esportiva específica. As pesquisas são muito felizes ao evidenciar o quanto certos estímulos são importantes para o desenvolvimento motor da pessoa com deficiência. Mamede, Lima e Rezende (2018) através de seus estudos verificaram que crianças alvo da educação especial apresentam desenvolvimento motor atrasado se comparado a crianças não PCD's, no entanto, seu trabalho mostra que ao serem estimuladas elas podem diminuir essa diferença, chegando a não apresentar divergências entre elas nos resultados dos testes.

Vargas, Gorla e Gutierrez (2014) concordam ao relatar que as crianças estudadas também apresentam desenvolvimento motor atrasado quando relacionados a idade cronológica correspondente, recomendando intervenções que busquem a redução dessa diferença.

Vala e Denari (2014, p. 17) contribuem ao considerar que

Estímulos motores adequados por meio de programas de intervenção poderão favorecer a aquisição de novas funções, proporcionando assim a melhor adaptação dos fatores ambientais e de maturação para contribuir com a educação do movimento, consciência corporal e a própria interação dela com o ambiente.

Melo e Munster (2014, p. 17) seguem o mesmo pensamento quando notam na pesquisa sobre iniciação esportiva que

[...] o participante passou a apresentar maior facilidade para realização das atividades da vida diária, dentre as quais se encontra: maior independência na locomoção e na utilização do andador, maior participação nas aulas de Educação Física no ambiente escolar; aumento da autoestima e melhora nas relações interpessoais.

Outro debate importante que também é analisado dentro do desenvolvimento motor pelo esporte adaptado, no trabalho de Mahl, Bruniera e Costa (2014) é que mesmo com importantes ganhos em diversas áreas da vida (física, psicológica e social) a inclusão não é ampla, “só acontece no mundo esportivo adaptado (p.13)”. E concluem “que apesar da evolução ao longo dos anos do esporte adaptado, há a necessidade de maior aderência, maior participação da população, bem como a ampliação de políticas públicas para o esporte e lazer da população com deficiência. (p. 13)”

Cenário que denota os diversos ganhos que a prática de atividades motoras gerais podem oferecer, mas ainda carecendo de um olhar mais atento da sociedade no sentido de disponibilizar meios que facilitem o acesso e promovam a prática.

### 3.3 FORMAÇÃO DOCENTE

Nessa categoria encontrou-se 18 artigos, equivalendo a 27,27% do total. Nele são considerados trabalhos que discutem como se dá a formação docente com foco na educação inclusiva, as concepções que os professores trazem, suas experiências, conhecimentos, percepções, capacidades e dificuldades encontradas no campo da Educação Física.

Foi possível perceber que o conhecimento sobre a Educação Física inclusiva é presente, porém o processo de ensino e aprendizado ainda se encontra em meio a muitas dúvidas, principalmente quando vem de formações mais antigas que eram pautadas em currículos que não se debruçavam na educação para todos, sendo muito mais rígidas quanto ao movimento e até excludentes, diferente das grades curriculares mais novas que têm-se mostrado mais

sensíveis ao lidar com temáticas voltadas a inclusão, contudo, por vezes se mostram insuficientes no preparo docente.

Farias *et al* (2014) em seu estudo, ao entrevistar 10 professores, aponta que somente 5 tiveram ao menos uma disciplina voltada ao público PCD na graduação, sendo necessário a eles obter conhecimento através de cursos posteriores como pós-graduações ou formações continuadas, e ainda assim, 75% deles revelaram não sentir aptos a trabalhar com alunos deficientes.

Stefane e Freitas (2016) vão além e concluem que:

[...]se fazem necessárias alterações nos cursos de graduação para aprofundar os conhecimentos sobre educação física adaptada para deficientes, os de formação continuada também requerem um novo formato, haja vista os comentários dos professores quanto a não adequação dos mesmos (duração, formato, superficialidade). (p. 14)

Souza (2014) similarmente expõe ao contexto pesquisado:

[...]somente a presença de uma disciplina comprometida no processo de inclusão escolar não parece suficiente para a concretização desse processo. Diante essa perspectiva, cabem às instituições de ensino superior repensarem sobre a configuração e figuração dos recursos humanos e materiais que estão investindo na disciplina de EFA enquanto componente obrigatório e pertencente à área de Educação Especial e em prol da inclusão escolar com a finalidade de formação futuros professores para serem agentes do processo de inclusão escolar. (p. 14)

Gomes e Martins (2016) veem na falta de conhecimento dos professores sobre as especificidades de alunos que possuem Síndrome de Down elementos que não só dificultam, mas impedem a inclusão destes nas aulas do ensino regular, tornando clara a necessidade da formação continuada para suprir as lacunas que a graduação deixou. Oliveira (2018) acredita que os cursos investigados não aspiram formar profissionais capacitados, oferecendo a disciplina de modo que apenas venha sanar a obrigações legais.

Assertiva que tem apoio em Mahl e Denari (2014) ao obter em relatos “que se faz necessária uma maior reflexão sobre o assunto, principalmente, no que se refere a formação e capacitação profissional dos professores.” (p. 12) que mesmo possuindo conhecimento sobre a temática, apresentam inseguranças quanto a seu trato.

Em visão oposta é apresentado o trabalho de Koltermann (2016), nos dando outra perspectiva sobre a formação de professores, nele é possível encontrar passagens que dizem:

Ao serem questionados sobre sua formação docente, ambos responderam que tiveram sua formação inicial na mesma instituição de ensino superior, na qual ambas possuem disciplinas que contemplem a educação física adaptada e os esportes adaptados na grade curricular obrigatória de sua faculdade no ensino

superior. Isso nos remete que a formação inicial deu uma base dos conteúdos para os dois professores entrevistados, contemplando o conhecimento sobre o histórico da deficiência, quais são os tipos, entre outros. (p. 8-9)

E mesmo diante do sucesso nas aulas ressaltam a necessidade de buscar aprofundar-se para além da formação:

[...]precisa-se sempre estar buscando novos conhecimentos e atualidades sobre todas as deficiências, visto que cada um tem sua especificidade, e o professor de educação física deve saber quais atividades e exercícios que são importantes para o desenvolvimento cognitivo, social e motor do aluno. (KOLTERMANN, 2016, p. 9)

Vieira, Cardoso e Souza (2018) concordam quando pesquisam o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PBID) que possibilitou o contato de graduandos com o campo de atuação da educação inclusiva:

Foi possível a elevação na formação inicial nesta perspectiva de inclusão escolar, além de ter proporcionado oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que buscaram a superação de problemas identificados no processo de ensino aprendizagem. O projeto contribuiu para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação inicial. (p. 7)

Também é encontrado que um importante espaço propício a formação dos professores no seguimento são os projetos que permitem o contato direto com a docência e o público-alvo da inclusão. Silva, Lima e Rezende (2018, p. 14) consideram:

[...]o projeto de acompanhamento das aulas de Educação Física com alunos/as com deficiência, contribuiu para a formação inicial dos/as acadêmicos/as do curso de Educação Física, pois eles aprenderam a trabalhar com alunos/as com deficiência nas aulas, elaboraram planejamento, conheceram sobre o processo de inclusão e sentem-se preparados/as para trabalhar com alunos/as com deficiência no âmbito escolar.

Outra discussão que a verificação dos dados trouxe foi quanto a permanência do aluno com deficiência na graduação e como tem-se dado sua formação, apresentando-se ainda como um processo em evolução e não terminado, necessitando de medidas para uma formação mais humana e completa, conforme encontrado em Santos, Fumes e Ferreira (2016, p. 13):

[...]percebemos que o acesso, a permanência e a conclusão de cursos superiores por estudantes com deficiência na Educação Superior brasileira e portuguesa ainda carece de estudos, visando a transposição de barreiras atitudinais, metodológicas, programáticas e/ou instrumentais, além de investimentos na formação de recursos humanos no atendimento as necessidades educacionais especiais por vezes apresentadas por esses estudantes.

Santos, Fumes e Ferreira (2014, p. 12) trazem que docentes de universidades portuguesas “também se sentiam despreparados para o ensino dos estudantes com deficiência nos cursos de Ciências do Desporto e Educação Física da Educação Superior”.

Sobre as concepções dos professores nota-se que há textos dando voz aos alunos durante o curso de formação, expondo suas opiniões através das vivências proporcionadas, dados que não mostraram expressividade positiva, diante deles é possível notar a insuficiência dos cursos ao promover bases para o ensino inclusivo, e quando consegue trazer engajamento é perceptível a excepcionalidade frente ao comum, tal posicionamento é encontrado em Oliveira e Costa (2016, p. 15).

[...]formação profissional se encontra voltada à diversidade, pois tinham a professora da disciplina Educação Física Adaptada com formação específica na área. Porém tal dado não vai de encontro com a literatura produzida na área, uma vez que os graduandos e graduados identificam a formação inicial como insuficiente (FIORINI; MANZINI, 2012, 2014, 2016; EL TASSA; CRUZ, 2016).

E evidenciando a realidade Santana, Luna e Duarte (2016) ao verificar o conhecimento sobre a inclusão de egressos apontam:

[...]os mesmos consideram que o currículo aborda pouco ou regularmente os temas relacionados à inclusão ao longo do curso. Apontam para a necessidade da ampliação do tempo e do espaço pedagógico destinado a esses conhecimentos ao longo do curso e reconhecem que a dinâmica curricular atual do curso não atende aos anseios e expectativas do mundo do trabalho, no que diz respeito especificamente ao trabalho do professor de Educação Física com pessoas com deficiência (p. 17).

Lima e Vieira (2014) também contribuem na pesquisa da formação inicial dialogando que não é suficiente para os acadêmicos sentirem segurança ao trabalhar com alunos PCD's devido aos fatos:

a) os conteúdos sobre a Educação Física com alunos com deficiência serem tratados em momentos pontuais e em disciplinas isoladas e que na maioria das vezes, se apresentam descontextualizadas da realidade escolar, pois a vivência dos graduandos, futuros professores restringe-se às situações que simulam a presença de alunos com deficiência ou na melhor das hipóteses, aos estágios e práticas vivenciadas em ambientes segregados, muito distantes do que demandam as práticas pedagógicas na escola comum; b) os componentes curriculares carecem de reflexões que superem apenas as adaptações, os arranjos e improvisações dos conhecimentos básicos sobre atividades físicas e esportivas existentes para permitir sua prática pelos alunos com deficiência.

Análises que levam a crer que medidas são necessárias para sanar as deficiências na formação desse profissional. Fiorini e Manzini (2014) encontraram na formação teórica para professores um meio de fazê-lo:

Concluiu-se que a formação teórica, por meio dos encontros para a realização das aulas, oportunizou momentos para reelaboração de saberes iniciais em confronto com as experiências práticas e cotidianas dos professores, de modo que os docentes possam construir seus novos “saberes/fazer” (CAETANO; FRANÇA, 2013). (p. 14)

É importante ressaltar que esse não é o único meio, mas apenas um deles. O processo de eficácia na formação do professor perpassa por um movimento que envolve inúmeros fatores, desde modificações no currículo dos cursos ao engajamento por parte das instituições, e permanente busca de interesses pelo desenvolvimento pessoal por parte dos docentes de cursos de pós-graduações, especializações e demais formações continuadas, a fatores estruturais de acessibilidade, incluindo políticas públicas que possam alcançar toda a sociedade.

### 3.4 REVISÕES DA LITERATURA

Durante a verificação dos dados foram encontrados textos que tratam de revisões e análises de produções no viés da Educação Física inclusiva. É válido esclarecer que existem outros trabalhos que também se incumbiram de realizar revisões como foco da pesquisa, todavia estão inseridos em outros eixos por conterem informações pertinentes a alguma outra categoria específica. Sendo assim, os que são aqui listados não pertencem a nenhuma outra.

Foram selecionados dois artigos na categoria em questão, contendo 3,03% dos 66 trabalhos. O primeiro faz um recorte sobre a Educação Física e a inclusão, a partir de produções encontradas em periódicos eletrônicos, delimitados ao Estado da Bahia. Em suas conclusões parciais é evidenciado que as produções são limitadas e corroboram com os achados em trabalhos de outras regiões que tratam da efetividade da inclusão nas aulas e denotam “A ausência de uma prática pedagógica efetiva, pautada de estratégias inclusivas são as principais carências apontadas nos estudos para que o processo de escolarização de crianças com deficiência aconteça.” (CAVALCANTE NETO, 2014, p. 10). Buscando servir de base para o desenvolvimento de políticas públicas no Estado que fomentem a educação inclusiva.

O segundo faz um levantamento (revisão bibliográfica) das produções voltadas ao trabalho colaborativo entre o professor do ensino comum e o professor de Educação Física

adaptada, de igual modo, apresentam crescente no quantitativo de pesquisas, no entanto, sem grande expressividade, concluindo que:

[...] compreende-se que os estudos encontrados, ainda que em número bastante reduzido, representam um avanço para a consolidação do trabalho colaborativo no contexto da Educação Física escolar pois representam os primeiros passos trilhados.

[...] acredita-se que se faz importante a realização de mais trabalhos que definam o papel do professor de Educação Física especializado na área em questão a fim de fornecer suporte ao professor de Educação Física do ensino regular. (COSTA, OLIVEIRA, MUNSTER, 2016, p. 9)

Objetivando preencher as lacunas ainda existentes para a consolidação de uma Educação Física inclusiva fundamentada no trabalho conjunto e especializado, promovendo meios para que todos os alunos possam ser abraçados pelo ensino, com participação ativa e plena.

### 3.5 PRÁTICAS SOCIAIS

Na quinta categoria estão contidos 11 artigos, representando 16,67% dos dados analisados, sua constituição dá-se através da reunião de trabalhos que se relacionam com o objetivo de apresentar a realidade da Educação Física no contexto da educação inclusiva ou especial, o primeiro faz referência a educação voltada ao público em geral, PCD ou não, e o segundo trata do ensino especializado a pessoas com deficiência. Em alguns textos é possível identificar como a prática pedagógica tem sido desenvolvida e como tem influenciado a vida nas mais diversas áreas (psicológica, motora e social) sob a ótica do aluno, partindo de seus relatos e vivências, assim como faz um levantamento do conhecimento destes sobre determinando assunto e mais, ainda foram identificados artigos que tratam da disseminação de práticas sociais através da conscientização de seus alunos.

Silva *et al* (2014) relata em seu estudo que através de atividades lúdicas de sensibilização foi possível observar mudança positiva em como crianças sem deficiências relacionavam-se com aquelas que apresentam deficiências:

A prática de atividades lúdicas de sensibilização nas aulas de Educação Física foi uma ferramenta eficaz para a promoção de mudanças de atitudes sociais entre crianças e adolescentes sem deficiência em contato com seus pares com deficiência física, quando se colocaram no lugar do outro e vivenciaram suas dificuldades cotidianas. (SILVA *et al*, 2014, p. 13)

Outros textos discutem a influência do esporte adaptado na vida de pessoas que possuem alguma deficiência, como informa Novaes *et al* (2016, p. 12) ao pesquisar a influência desta prática na vida de um deficiente visual:

A pesquisa então confirma que o esporte influencia seus praticantes com benefícios no campo da saúde, da autonomia, da autoestima, das relações sociais. Eles se compreendem mais capazes de alcançar seus sonhos e de lutar pelos seus objetivos.

Camargo (2018) também se posiciona:

Contudo, sem exceção, os quatro têm um envolvimento bastante prazeroso e gratificante com o esporte. Tal envolvimento refere-se à representatividade e conquistas do fenômeno esportivo em suas vidas. Reconhecem as melhorias ocasionadas por conta dele, não somente em aspectos físicos e manutenção da saúde, como também: a realização de sonhos, as viagens e a socialização, conhecer pessoas, novas amizades, que são dois outros pontos comuns entre eles. Sendo, assim, uma ferramenta de inclusão social, [...]

Bem como, o desenvolvimento do “eu”; todos relataram em algum momento, de alguma forma o autoconhecimento, a autonomia, a autossuperação, ser capaz. [...] (p. 13)

Em contrapartida, o processo de exclusão também é evidenciado. Tal ponto é tão presente que Camargo (2018) ao pesquisar a trajetória de vida e as influências da Educação Física escolar notou através dos relatos que por vezes as atividades foram negadas e até proibidas por conta da deficiência, o que em casos, tardou o desenvolvimento enquanto atleta e para vida em geral, mesmo quando haviam aulas em que participassem, o conteúdo apresentava fragilidade, como observado na fala de um pesquisado:

[...]para C4, que compreende que a não adaptação das variáveis relativas às aulas e a dispensa delas influenciaram no fato de acreditar que não tivesse condições para desenvolver outras manifestações da cultura corporal, como a dança e outros esportes e prejudicou no desenvolvimento de habilidades motoras e capacidades físicas. (CAMARGO, 2018, p. 14)

Santos *et al* (2016) ao buscar a relação da exclusão e a EF, identificou situações parecidas: “a aluna com baixa visão lamenta a falta de predisposição de alguns professores para atendê-la, escrevendo no quadro com uma letra legível para ela.” (p. 12) e concluiu “Ao averiguar a relação de exclusão no processo de inclusão escolar nas aulas de Educação Física do Ensino Médio, percebe-se que a exclusão em certa medida ainda se faz presente.” (p. 13)

Acrescentado ainda por Trento, Araújo e Drago (2018, p. 16), enfáticos ao elaborar que “os alunos sujeitos deste estudo foram frequentemente alvo de discriminação, rejeição e exclusão por parte de seus colegas e de alguns profissionais da educação.”, situação que possivelmente se deu pelo despreparo docente, além disso, foi acentuada por conta da falta de estrutura adequada para receber alunos PCD’s. Viana e Pereira (2018, p. 12) divulgaram que “grande parte dos professores de Educação Física não aplicam atividades para o

desenvolvimento das crianças com TDAH” ao analisar o comportamento destes nas aulas do ensino fundamental.

Também foi possível perceber que fatores externos como políticas públicas de acessibilidade têm influência direta na efetivação do trabalho. Luna *et al* (2018) evidencia o quanto essa relação é significativa para o desenvolvimento do aluno, visto que houve prejuízo a participação plena nas atividades do basquete em cadeira de rodas devido à falta de transporte adequado. Camargo (2016) apresentou a dificuldade em encontrar equipes de esportes adaptados de determinada região devido à falta de dados, o que se expressa como uma das dificuldades para difusão da atividade diante do público-alvo.

Concomitante a isso, outras pesquisas mostraram como a realidade da Educação Física especial tem-se apresentado a partir de seus estudos. Silva *et al* (2018) percebeu fragilidades na inclusão de alunos e pontuou que permitir a matrícula desses alunos não é suficiente para sanar suas necessidades, eles precisam participar efetivamente.

Koltermann e Klasener (2016, p. 11) concluem como a inclusão deve se apresentar:

[...]a inclusão escolar de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física deve acontecer de forma significativa para o aluno, e que este possa interagir com seus colegas através da socialização que a Educação Física proporciona como também para o seu desenvolvimento motor e cognitivo. Para sentir-se incluído, é necessário que se ultrapasse todas as barreiras de sala de aula, pois, assim, o aluno terá suas necessidades reconhecidas em todo o ambiente escolar.

Para isso, consideram que a disciplina deve ser pensada de forma que atenda a dificuldade de todos, permitindo o desenvolvimento pessoal de cada um de acordo com seus próprios parâmetros, sendo a Educação Física inclusiva o meio propício a isso.

Salienta-se que a Educação física inclusiva não é direcionada apenas para aqueles que tem alguma deficiência e sim para que todos, sem exceções, possam desenvolver-se em plenitude, reconhecendo a si e o outro como constituintes de uma sociedade, por isso um espaço onde tenham tais vivências e reflexões é fundamental. Bertoni (2018, p. 12) nos apresenta sobre o que anteriormente foi exposto dissertando que a prática pedagógica a partir de modalidades paralímpicas “conscientiza os alunos do ensino básico sobre as potencialidades das pessoas com deficiência além de possibilitá-los a conhecer e vivenciar os esportes [...]” e entende que:

[...] divulgar e propiciar vivências sobre esportes paralímpicos pode colaborar no processo de sensibilização da comunidade quanto a questões da diferença/diversidade humana, e, além disso, promove de certa forma, a inserção social destas pessoas, fomentando as políticas de inclusão. (p. 12)

É evidente que ainda há muito a ser feito para que se tenha uma Educação Física realmente inclusiva, mas a necessidade é verdadeira e o caminho é traçado em uma direção que

possa proporcionar a todos em seus vários níveis de dificuldades, sejam deficientes ou não, a possibilidade de desenvolver-se enquanto seres constituintes de uma sociedade que prima pelo respeito e pela consciência de que todos temos a contribuir e o direito de se auto aprimorar para fazê-lo da melhor forma, para isso, almeja-se uma educação capaz de perceber que cada um é diverso e ativamente importante para esse processo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A produção do CBEE, no período de 2014 a 2018, dentro do Eixo Educação Física e Esportes Adaptados, a partir da análise dos 66 artigos configurou-se em 5 categorias que contemplam as seguintes temáticas: metodologias de ensino-aprendizagem, práticas da cultura corporal, formação docente, revisões da literatura e práticas sociais.

A análise dos dados apontam a importância de formar professores na perspectiva de objetivar para os alunos uma Educação Física inclusiva, visto sua significativa contribuição na formação pessoal. Também é esclarecido que muitas pesquisas trazem dados sobre elementos que se encontram além do ambiente de sala de aula da Universidade, sejam em projetos ou estágios, ressaltando a necessidade que se tem em oferecer durante a formação meios para que os alunos tenham contato com diferentes públicos e realidades do campo de atuação profissional, momento em que eles poderão refletir sobre a prática pedagógica em si e as teorias estudadas na academia, movimento que é imprescindível para a qualidade da formação de professores capacitados.

É confirmado ainda a importância da EF no desenvolvimento dos alunos deficientes e não deficientes e o prejuízo que pode acarretar negar o conteúdo a esses, sendo esta uma realidade que ainda se faz presente no meio educacional e social, pois os impedimentos não são exclusivos dos projetos educacionais ou salas de aula, mas de todo um contexto social que reflete nesses ambientes, englobando políticas de acessibilidade, educacionais, lazer, profissionalização e outros. Mostrando que ainda existe a necessidade em se discutir o tema na busca de soluções e melhores condições para que a pessoa com deficiência, assim como o não deficiente, possam ser participantes ativos da sociedade e usufruir com dignidade dos direitos a que possui.

O estudo representou a possibilidade em crescer diante de um tema que possui grande importância na formação pessoal e na busca de proporcionar aos alunos melhor qualidade de ensino e aprendizagem.

Ante ao exposto, alguns limites foram observados: como a dificuldade em verificar trabalhos que poderiam ter contribuições importantes para o tema em eixos diferentes ou até em outros congressos da área em questão devido ao grande exercício que foi analisar cada artigo uma ou mais vezes, tornando inviável até o momento da conclusão desse TCC, incluir estes ao conteúdo analisado diante da demasiada quantidade de publicações existentes que teriam de ser adicionadas aos dados. Ademais é válido apresentar que devido à falta de informações em alguns artigos e a extensão em que o texto já se encontrara frente ao tempo limitado para finalização do estudo, alguns dados não foram relacionados, como o mapeamento dos tipos de deficiências encontradas nos artigos, informação que nem sempre era presente.

Logo, surge a possibilidade em efetivar futuras pesquisas que possam compreender as lacunas aqui deixadas em aberto, abraçando temas pertinentes ao campo de estudo da educação física e enriquecendo o meio acadêmico em questão.

## 5 REFERÊNCIAS

ALVES, Tássia Pereira; SALES, Zenilda Nogueira; MOREIRA, Ramon Missias; DUARTE, Leonardo de Carvalho; SOUZA, Riane Missias Moreira Mendes. Representações de alunos surdos sobre a inclusão nas aulas de educação física. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 27, n. 48, p. 65–78, 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

ALMDEIDA, Julia Elisa Albuquerque de; SOUTO, Elaine Cappellazzo. A sistematização dos conteúdos do esporte paralímpico segundo a abordagem crítico-superadora - um relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

BERTONI, Sônia. Dia Escolar Paralímpico: prática pedagógica como forma de viabilizar a política de inclusão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

BEYER, H. O. **Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas**. In: BAPTISTA, C. R. *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BORELLA, Douglas Roberto; STUMPF, Juliana; RANZAN, Mayara; SCHONE, Angela; FRANK, Robson. Dança e expressão corporal com pessoas com deficiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

BRAGA, Francisco Carvalho; JESUS, Andressa Sandrine Silva de; BORGES, Cristiane Aparecida; NASCIMENTO, Janinne; LIMA, Lana Ferreira de; SILVA, Roseane Patrícia de

Sousa e. Dança inclusiva: dançando com as diferenças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 6 de Agosto de 2021.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais). Acesso em: **6 de agosto** de 2021.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm#:~:text=Art.%201%C2%BA%20%C3%89%20institu%C3%ADa%20a,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm#:~:text=Art.%201%C2%BA%20%C3%89%20institu%C3%ADa%20a,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico). Acesso em: 7 de Agosto de 2021.

BRITO, Pedro Fernando Ferreira de; SILVA, Laura Heloísa da; CRUZ, Isabela Rodrigues da; KAWASHITA, Ieda Mayumi Sabino. A compreensão de alunos com deficiência múltipla sobre as regras da bocha paralímpica. in: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

CAMARGO, Laureen Lopes. Trajetórias de pessoas com deficiência e educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

CAMARGO, Laureen Lopes. Trajetórias de vida de pessoas com deficiência e influências da educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

CAVALCANTE NETO, Jorge Lopes. Educação física e inclusão no contexto baiano: uma revisão sistemática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

CHICON, José Francisco. INCLUSÃO E EXCLUSÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Movimento (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2008.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

COSTA, Camila de Moura; OLIVEIRA, Patricia Santos de; MUNSTER, Mey de Abreu van. Análise das produções acadêmico-científicas brasileiras de educação especial sobre educação física e trabalho colaborativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

COSTA, Camila Rodrigues; FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Trabalho colaborativo segundo professores de educação física com o professor do atendimento educacional especializado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

CUQUETTO, Douglas Colombi. A capoeira adaptada como alternativa de melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

FARIAS, João Belisio Bartolomeu de; NÓBREGA, Douglas Capistrano da; COSTA, Yago Pessoa da; ALMEIDA, Julia Elisa Albuquerque de; SOUTO, Elaine Cappellazzo. Conhecimento e aplicação dos esportes paralímpicos dos professores da rede municipal de João Pessoa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

FERREIRA, Eliana Lúcia; CATALDI, Carolina Lessa. Implantação e implementação da Educação Física Inclusiva. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 27, n. 48, p. 79–94, 2014.  
FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade** [online]. v. 23, n. 79, p. 257-272. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>>. Acesso em: 26 de Novembro de 2019.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Planejamento e desenvolvimento de formação teórica para professor de educação física sobre inclusão de alunos alvo da educação especial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo. Participação de alunos com deficiência visual em aulas de educação física: estratégias de sucesso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. IN: SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. UNIDADE 2 - A Pesquisa Científica. p. 31-42. IN: **Métodos de pesquisa**, GERHARDT, Tatiana Engel (org); SILVEIRA, Denise Tolfo (org); coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GALOÁ, anais e proceedings. Anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial. Encontrado em: <<https://proceedings.science/cbee>>, acesso em: 23-26 de Setembro de 2019.

GOMES, Nilton Munhoz; MARTINS, Carolina Queiroz. A presença do aluno com síndrome de down nas aulas de educação física no ensino regular. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

GONÇALVES, Alan Lopes; NASCIMENTO, Micael Souza; LUNA, Christiane Freitas. Educação física para pessoas com deficiência: experiência no núcleo de prática pedagógica em educação inclusiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

JESUS, Eduardo das Virgens de; ESPIRITO SANTO, Edmar da Silva do; DUARTE, Leonardo de Carvalho. Inclusão e esportes adaptados nas aulas de educação física: um relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

KOLTERMANN, Vivianne Costa; KLASENER, Bruna Manoela. A inclusão escolar através da disciplina educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

KOLTERMANN, Vivianne Costa. Inclusão escolar e a visão do professor de educação física do ensino básico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

LIMA, Solange Rodovalho; VIEIRA, Larissa Peres. Graduação em educação física e inclusão escolar de alunos com deficiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

LOTTERMANN, Ana Laura Fischer; SILVA, Bruna Poliana; WALTER, Lizete Wasem; HARNISCH, Gabriela Simone; BORELLA, Douglas Roberto. Expansão acadêmica interposto em sessões de Equoterapia: um relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

LUNA, Christiane Freitas; CARNEIRO, José Ailton Oliveira; GONÇALVES, Alan Lopes; NASCIMENTO, Micael Souza; SANTANA, Railan Gil. Qualidade de vida dos praticantes de basquetebol em cadeira de rodas município de Jequié – BA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

LUNA, Christiane Freitas; RAMOS, Bruno Ferreira; ANJOS, Manoela Matos dos; EVANGELISTA, Danielle Santos; NOVAES JÚNIOR, Jorge Luís. Atividades aquáticas para autistas: uma análise nas possíveis modificações de comportamentos sociais/afetivos, comunicacionais e motor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

MAGALHÃES, Maike Junior; DIAS, Simone Poscidônio; KAWASHITA, Ieda Mayumi Sabino. Projeto educação física adaptada e apae: a percepção familiar dos praticantes do jogo de bocha paralímpica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018.

MAHL, Eliane; BRUNIERA, Carolina Bonatto; COSTA, Larissa da. Contribuições do esporte adaptado para a inclusão de atletas com deficiência física e visual à sociedade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

MAHL, Eliane; DENARI, Fátima. Concepções e posicionamentos dos professores de educação física sobre inclusão educacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

MAMEDE, Laura Damasceno; LIMA, Solange Rodovalho; REZENDE, Leandro. Perfil motor de crianças público alvo e não público alvo da educação especial. In: CONGRESSO

BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de ; BONFAT, Daniela Lima; SILVA, Erineusa Maria da; CHICON, José Francisco; FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos de. O processo de formação inicial em Educação Física na perspectiva inclusiva: o que nos dizem os egressos?. *Práxis Educativa*, v. 12, n. 2, p. 356-372, 2017.

MANFRED, Sílvia Maria. *METODOLOGIA DO ENSINO – diferentes concepções (versão preliminar)*. Campinas, 1993.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo, SP: Atlas S.A., 2003.

MARTINS, Paulo Maciel Cordeiro; JESUS, Andressa Sandrine Silva de; BRAGA, Francisco Carvalho; RIBEIRO, João Paulo Cunhar; LIMA, Lana Ferreira de. Capoeira inclusiva – gingando e superando. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

MELO, Flávio Anderson Pedrosa de; MUNSTER, Mey de Abreu van. Iniciação esportiva de uma criança com agenesia do corpo caloso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

NOVAES, Karine Oliveira; LUNA, Christiane Freitas; SOLER, Isabele Pires Santos; SANTOS, Nágilla Barros. Esporte adaptado: a influência da prática na vida da pessoa com deficiência visual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

OLIVEIRA, Ana Carolina Santana de; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Formação docente em licenciatura em educação física: um olhar para a inclusão escolar na faculdade sete de setembro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

OLIVEIRA, Ana Carolina Santana de; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Implementação e avaliação de programa para o ensino e aprendizagem de Educação Física no contexto escolar: consultoria colaborativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

OLIVEIRA, Ana Carolina Santana de; MUNSTER, Mey de Abreu van; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Avaliação de habilidades motoras no Handebol Adaptado: proposta e validação instrumental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

OLIVEIRA, Luiza de Fátima Medeiros de. Formação docente na escola inclusiva: diálogo como fio tecedor. 1. ed. Porto alegre: Mediação, 2009.

OLIVEIRA, Patricia Santos de; MUNSTER, Mey de Abreu van. Consultoria colaborativa aplicada a educação física: estudo de caso envolvendo a deficiência visual. In: CONGRESSO

BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

OLIVEIRA, Rafael Miranda. Educação física e paradesporto: desafios e possibilidades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

POLO, Maria Clara Elias; SILVA, Juliana Cristina; LIMA, Solange Rodovalho. Jogos e brincadeiras com deficientes intelectuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

RIBEIRO, Drielle Lúcia Gomes Da Silva. CASTRO, Regina Celi Alvarenga de Moura. **Estado da arte, o que é isso afinal?**. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20969>>. Acesso em: 26 de Novembro de 2019.

RODRIGUES, marília naves; LIMA, solange rodovalho. Atividade motora aquática e coordenação corporal de adolescentes com deficiência intelectual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

ROSSI, Patricia; MUNSTER, Mey de Abreu van. Dança educativa voltada a deficiência física: um estudo de caso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

SAITO, Claudia Mieli; FERREIRA-DONATI, Grace Cristina; GARCIA, Ana Paula Seabra. Modelo de ensino de coreografia em aula de educação física junto a estudante com TEA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7º, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

SANTANA, Amanda Vieira de Carvalho; LUNA, Christiane Freitas; DUARTE, Leonardo de Carvalho. Conhecimento sobre a inclusão de pessoas com deficiência no currículo de educação física da UEFS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

SANTOS, Aline Faria dos; GOMES, Lucas Vieira; KAWASHITA, Ieda Mayumi Sabino. A bocha paralímpica e a matemática: uma prática pedagógica interdisciplinar no ensino especial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

SANTOS, Nagilla Barros; LUNA, Christiane Freitas, SOLER, Isabele Pires Santos; NOVARESM Karine Oliveira. Relação de exclusão e educação física: a construção do conhecimento no ensino médio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

SANTOS, Soraya Dayanna Guimarães; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; FERREIRA, José Pedro Leitão. Experiência e formação dos professores de educação física das universidades de Portugal na perspectiva inclusiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

SANTOS, Soraya Dayanna Guimarães; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; FERREIRA, José Pedro Leitão. Percepções docentes sobre ingresso e permanência do universitário com deficiência nos cursos de educação física: Brasil e Portugal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

SILVA, Amanda Veneranda dos Reis; SANTOS, Cristiane da Silva; STORCH, Jalusa Andréia; PAULA, Maristela Vicente de; BORGES, Neila Maria Mendes. Inclusão em uma escola privada em Catalão-GO: educação física em foco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

SILVA, Claudiane Souza da; KAWASHITA, Ieda Mayumi Sabino. Vivência do jogo virtual e a bocha paralímpica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

SILVA, Juliana Cristina; Lima, Solange Rodovalho; REZENDE, Leandro. Vivenciando a educação física escolar com alunos com deficiência: concepção dos/das acadêmicos/as. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

SILVA, Silvana Maria Moura da; COSTA, Maria da Piedade Resende da; MARQUES, Fabrícia da Hora; PACHECO, Conceição de Maria Ribeiro; SANTOS, Thiago Bastos. Aulas de Educação Física: mudando atitudes em relação à inclusão de alunos com deficiência física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

SOUZA, Calixto Júnior de. A disciplina de Educação Física Adaptada: uma abordagem interdisciplinar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

STEFANE, Claudia Aparecida; FREITAS, Leopoldo Cubas. Jogos paralímpicos e esporte adaptado: conhecimento dos professores de educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 7, 2016, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2016.

STRAPASSON, Aline Miranda; DUARTE, Edison; HARNISH, Gabriela; STORCH, Jalusa Andréia; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. O parabadminton: badminton adaptado para pessoas com deficiência física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

TRENTO, Sabrina da Silva Machado; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes; DRAGO, Rogerio. Educação física escolar e inclusão sob o olhar dos alunos público-alvo da educação especial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

VALA, Thais Mendes; DENARI, Fátima Elizabeth. SRT, Educação Especial e Educação Física: Encontros Possíveis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

VARGAS, Leandro Martinez; GORLA, José Irineu; GUTIERREZ, Gustavo Luis. Análise do desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais de crianças com deficiência intelectual.

In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.

VIANA, Cleonice Siqueira; PEREIRA, Denilson Diniz. Comportamento de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade nas aulas de educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

VIEIRA, Marcus Edson Carilo de Mello; CARDOSO, Tâmara Gabriella de Souza; SOUZA, Joslei Viana de. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: na ótica da Educação Física Inclusiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 8, 2018, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2018.

VOSGERAU, Dilmeire. Sant'Anna. Ramos.; ROMANOWSKI, Joana Paulin..Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas, Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014. IN: RIBEIRO, Drielle Lúcia Gomes Da Silva. CASTRO, Regina Celi Alvarenga de Moura. **Estado da arte, o que é isso afinal?**. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20969>>. Acesso em: 26 de Novembro de 2019.

WATANABE, Fabio Hideki Yoishino; ZENGO, Lonise Caroline; CHAGAS, Lucas Gabriel de Moraes; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho; SEABRA Jr, Manoel Osmar. Exergames como recurso de tecnologia assistiva na educação inclusiva: uma revisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, n.º 6, 2014, São Carlos. Anais ... Campinas, Galoá, 2014.